

MELO, Guilherme de. *A raiz da pele*. Montijo: HF Books, 2011.

Já são conhecidas as intrínsecas relações estabelecidas entre a ficção e a poesia, na trajetória de certos escritores que transitam pelas duas sendas. Guilherme de Melo, certamente, não se constitui um caso isolado, até porque a literatura portuguesa, sobretudo a da faixa temporal dos séculos XX e XXI, é pródiga nesses casos e possui um elenco incontestado, com nomes como os de um Mário de Sá-Carneiro e de um Fernando Pessoa, nas bases da poesia modernista, estendendo-se nas décadas seguintes com Miguel Torga, Jorge de Sena, Vitorino Nemésio, Natália Correia, Helder Macedo, José Saramago e, mais recentemente, Herberto Helder, Nuno Júdice, José Luiz Peixoto e Gonçalo M. Tavares, apenas para lembrar alguns dos autores mais representativos.

Depois de uma anunciada publicação, em 2003, e de uma longa espera por parte dos leitores, finalmente, depois de quase dez anos, vem a lume o mais recente livro do escritor e jornalista português Guilherme de Melo, reunindo alguns de seus poemas, por muito tempo deixados no silêncio da gaveta.

Por mais que o próprio autor tenha declarado as suas ressalvas em ser considerado pela crítica como um “escritor”, seu mais recente título só vem confirmar a sua condição de artista da palavra, sem perder de vista a condição peculiar que a própria crítica já lhe consolidou, e, diga-se de passagem, muito merecidamente: a de ser um dos precursores de uma “literatura gay” em Portugal.

Guilherme de Melo, além de jornalista, tem uma destacada presença

*Professor Adjunto de Literaturas de Língua Portuguesa (Subáreas: Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor convidado credenciado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara).

no gênero da ficção, com títulos que lhe renderam considerações elogiosas e visibilidade, tais como o romance autobiográfico *A sombra dos dias* (1981), ou, ainda, o seu texto de estreia romanesca *Raízes do ódio* (1965), que recebeu de Urbano Tavares Rodrigues considerações esclarecedoras sobre sua relevância dentro do cenário literário português.

Agora, o autor publica seu livro de poesias, *A raiz da pele*, gênero que, segundo ele próprio, sempre escreveu, mas nunca deu a publicar. Mas, então, qual o motivo deste título ser tão esperado? O que há, na poesia de Guilherme de Melo, de tão sedutor e atrativo?

Como afirmamos, no início, a visível relação que os seus textos poéticos estabelecem com o exercício do fazer literário, seu e de outros escritores. Neste sentido, basta lembrar os momentos de sua ficção que apontam para uma tessitura lírica, dentro da trajetória do autor. Em *A sombra dos dias*, por exemplo, já lá estão os versos de sua “Balada do fim da tarde”, poema longo, que, num nítido diálogo com Reinaldo Ferreira, deixa destilar a sua justa indignação diante da incompreensão e da intolerância sociais frente a sua condição homossexual, não aceitando, em hipótese alguma, qualquer tipo de imposição ou pré-conceitos estabelecidos: “Eu, o leproso, passeio / pelas ruas da cidade. / Passeia comigo o medo / neste passeio da tarde. // [...] Que ninguém tenha a coragem / de caminhar ao meu lado, / que se alguém o vir comigo / logo estará condenado. // [...] Mas eu passo e passarei / enquanto Deus o quiser / - passando, passa comigo / o direito de viver” (MELO, 2011, p. 25).

Também em *Ainda havia sol*, romance praticamente esquecido pela crítica, mas, talvez, o mais lírico e o mais introspectivo dos seus textos ficcionais, o exercício da escrita poética aparece nos excursos do narrador, sempre em momentos de recuperação memorialística, com a função de bordar a sua trajetória e recuperar os encontros e desencontros com o amado. Neste texto de 1984, para além de outros poemas que não se fazem presentes em *A raiz da pele*, já lá estão: a) “Deus de cobre”, poema em que a beleza masculina se confunde com a própria natureza, seduz e arrebatava o olhar e o corpo do próprio sujeito lírico:

“Selvática pampa agressiva / onde meus dedos galopam / - teu corpo, desnudo, aguarda, sobre o clarão do lençol / onde o luar se incendia. / No deserto do teu ventre / meus lábios são rios fluindo / para se perder na foz / que o padrão, erecto, guarda.” (Ibidem, p. 18); b) “Girassol”, outro poema onde o visual e o táctil se confundem na representação do encontro dos amantes, enfatizando a singularidade do momento ao utilizar a anáfora do tempo passado e a ruptura no instante da troca dos olhares: “Havia a desolação que há nas paisagens lunares. / Havia o longo silêncio que escorre dos glaciares. // [...] Foi quando tu, de repente, surgindo me olhaste então / – e um girassol imenso, num grito, brotou do chão.” (Ibidem, p. 133); c) “Sinal”, que, no romance, aparece na estrutura de prosa, como página de um diário, e, em *A raiz da pele*, ressurge sob a forma poética, numa espécie de afirmação lírica da condição homossexual e humana do sujeito, perplexo também diante da incompreensão dos outros, incapazes de entender o sinal maior do homem, a sua inequívoca capacidade de amar: “Quando se ama / até das chagas que esse amor nos abre / nascem cravos. // Por isso passo na rua / e todos se voltam a olhar. // Não entendem de onde é que vem o perfume / que fica assim, no ar.” (Ibidem, p. 53); d) “Oração”, deliciosa paródia da conhecida prece bíblica, invertendo agora o vetor direcional do céu para a terra, onde amador e coisa amada partilham um pacto eucarístico. O pão transforma-se no corpo e no sexo, e o vinho transfígura-se no próprio amor, elemento inebriante dos partícipes desta festa, todos sacralizados pelo discurso poético: “Amor meu que estás na terra, / bendito seja o teu nome. / Que venha a mim o teu corpo, / faz em mim tua vontade / sobre a cama, o nosso céu. / Teu sexo, em cada dia / tal como o pão, mo dê hoje. / Perdoa, amor, minhas faltas / assim como eu te perdoo / as faltas que tu cometes. / Nunca deixes de fazer / com que eu caia em tentação. / Agora e para sempre livra-me / do mal que será perder-te. // Amém.” (Ibidem, p. 52).

Ora, nesta breve visada sobre alguns textos de Guilherme de Melo, já é possível perceber também algumas linhas de força da poesia portuguesa dos últimos 30 anos, conforme sublinhado por Emerson Inácio

(2010) em recente ensaio (Poesia e (homo)erotismo: sobre alguma produção poética portuguesa dos últimos 30 anos. In: *Olhar*). Neste sentido, a ênfase sobre o olhar e o corpo, o desejo direcionado ao objeto amado masculino e à sua beleza, as passagens da vida cotidiana e as correlações entre o corpo do outro e o exercício poético seriam alguns dos recursos encontrados na feitura dos poemas de *A raiz da pele* que colocam o seu autor em sintonia com o que há de mais recente na escrita poética homoerótica portuguesa.

Mas, não apenas estes efeitos, como outros também podem ser observados. Um deles é o fenômeno escatológico de elementos corpóreos como “semén, saliva e suas decorrentes metáforas” (INACIO, 2010, p. 49), redimensionados na composição de um corpo ora cindido, ora concentrado, mas sempre movimentado pela pulsão do desejo, como ocorre, por exemplo, em “Noite amante”: “[...] e há um som de insoprado vento / no sexo dos marujos / – búzio de carne com cheiro à esperma e sangue. [...] // E tudo isto eu sinto e cheiro e toco / na pele áspera e seda da noite sensualíssima, / da noite espasmo e grito, perfume e violeta / por onde avanço até se já manhã.” (MELO, 2011, p. 33); ou, ainda, em “A saudade antecipada”: “Às vezes beijava-te. / Às vezes viajava pelo teu corpo. / Às vezes banhava-me em teu sémen. // Depois olhava o fundo dos teus olhos. / A saudade que neles lia, infinda, / não era pelos dias que tinham já passado: / era pelos dias que não tinham vindo ainda.” (Ibidem, p. 59).

Ainda sob a égide do corpo, não será gratuito o fato de que *A raiz da pele* se inicie pela infância, com poemas que recordam os tempos passados, a adolescência e os momentos vividos em África (“Legenda”, “Infância”, “Colonização”, “Cais africano”, “Tambor” e “Identidade”), e encerre com imagens metafóricas do fim de trajeto e da própria morte (“Depois do fim”, “Na tua morte”, “A última canção do roteiro de Marco Pólo” e “Velhice”). Como em outros livros do autor, também neste é possível detectar uma forma particular de ser e estar no mundo, sem abrir mão de sua condição primordial de existir. Guilherme de Melo afirma-se como homossexual, revelando-se, para além disso, um sujeito que não

admite ser diminuído de sua humanidade e não aceita qualquer tipo de pré-julgamento diante de sua orientação sexual, como bem afirma o eu-lírico de “A raiz da pele”, poema homônimo do escritor português: “Guardo na raiz da pele / a verdade do que sou. / Deixo que à flor da pele / emergja a máscara, o sorriso, / o jogo do gato-e-rato / onde, estando, nunca estou.” (Ibidem, p. 68). Aliás, tal capacidade assertiva também encontrará ressonância nos poemas “Dualidade”, “O corcel que trago em mim”, “Adolescente”, “Tu”, “A cor da noite”, “Possessão”, “Egoísmo” e “Tatuagem”, por exemplo.

Nesta junção, de posicionamento ético e expressão estética do sujeito poético, parece habitar a poesia de Guilherme de Melo, sem recair em preciosismos discursivos e estruturais ou em modismos de ruptura. Sua arte poética é, ao mesmo tempo, transparente, límpida, clara, e também esfíngica e enigmática. Mas, como já ensinara o mestre Drummond, não é exatamente na convergência dos paradoxos complementares que reside a possibilidade de se construir claros enigmas? Neste sentido, gosto de pensar que, apreendendo a lição drummondiana, o sujeito lírico de *A raiz da pele* lança também a sua “Charada”, sem abrir mão de uma legítima expressividade homoerótica: “Sou. / E porque sou quem sou e o que sou, / em cada gesto ou palavra, / em cada olhar ou sorriso, / desassombrado sou aquilo que sou,” (ibidem, p. 23).

Depreende-se, portanto, que, em muitos momentos, não deixa de haver aquele efeito de fusão entre poesia e auto-retrato, tão caro à poesia portuguesa moderna e contemporânea, como bem pontua Rosa Maria Martelo, posto que, nos textos que compõem *A raiz da pele*, também é possível vislumbrar aquele “poder transfigurador da poesia no cotidiano de uma vida de poeta” (2004, p. 21), também esta construída sob o signo da máscara e da escrita ficcional, como bem revelam alguns versos de “Aparição”: “A poesia / se estava a nossa espera (e sei que estava) / viria com o mágico depois / que o amor tece. // Por isso foi igual a todas as manhãs / a manhã sem história em que vieste.” (MELO, 2011, p. 42).

Respondendo, portanto, às perguntas que colocamos no início destas considerações, aqui parecem residir o encanto e a sedução da

escrita poética de Guilherme de Melo, na união singular de uma fala em silêncio (como em “Velhice”), mas que, como um certo Marco Pólo, não recusa jamais a sua vocação: “aqui me afundo / lançando o meu aviso a toda a navegação.” (Ibidem, p. 77).

Vem em boa hora este *A raiz da pele*, não apenas pelo fato de trazer à tona um escritor que ainda carece e merece uma leitura atenta por parte da crítica, mas também porque recoloca, na cena portuguesa, a emergência de um ser e estar no mundo sob o signo da homoafetividade.